

MAIKIO BARRETO GUIMARÃES

**CORRUPÇÃO, POLÍTICA ECONÔMICA E PROGRAMAS SOCIAIS
NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE OPOSIÇÃO DO PSDB
AO GOVERNO LULA (2003-2010)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Porto Alegre
2012

Resumo

Esta dissertação realiza a análise do discurso de oposição do PSDB durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). A partir de uma perspectiva que reúne a abordagem da Análise de Discurso e elementos da Ciência Política, o trabalho tem como objetivos, com base nos posicionamentos dos líderes tucanos¹ sobre corrupção, política econômica e programas sociais, compreender que condições de emergência marcaram a estruturação de um discurso de oposição à gestão petista. Além disso, serão investigadas quais as estratégias de articulação discursiva utilizadas pelo PSDB.

O corpus da pesquisa foi composto pelos pronunciamentos proferidos, em plenário, pelos líderes do PSDB na Câmara dos Deputados. O estudo também utiliza declarações de outros personagens importantes na hierarquia tucana, retiradas do jornal *Folha de São Paulo*. Para melhor contextualizar o enfrentamento entre oposição e governo, este trabalho coletou, também no periódico, manifestações de integrantes do governo e líderes do PT.

Palavras-chave: Oposição. Governo Lula. Corrupção. Programas Sociais. Política Econômica.

¹ O símbolo do PSDB é um tucano. Por esta razão, os integrantes do partido são chamados de “tucanos”. O termo será utilizado ao longo deste trabalho.

ABSTRACT

This dissertation performs discourse analysis of the opposition PSDB during the administration of President Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). From a perspective herding approach the Analysis of Discourse and elements of Science Policy, the study is aimed based on placements of toucan's leaders on corruption, economic policy and social programs, understand which emergency conditions marked the structuring of a discourse of opposition to PT management. Besides articulation strategies discursive used by the PSDB will be used investigated.

The corpus of research was composed by the pronouncements delivered, in plenary by leaders of PSDB in the Chamber of Deputies. The study also uses statements of other important characters in the hierarchy toucana, taken from the newspaper *Folha de São Paulo*. This work also collected at regular and PT leaders to better contextualize the coping between opposition and government.

Key words: Opposition. Government Lula. Corruption. Social Programs. Economic Policy.

LISTA DE SIGLAS

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

FHC – Fernando Henrique Cardoso

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PCO – Partido da Causa Operária

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PPB – Partido Progressista Brasileiro

PPS – Partido Popular Socialista

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partidos dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OPOSIÇÃO NO REGIME DEMOCRÁTICO E ANÁLISE DE DISCURSO.....	13
2.1 OPOSIÇÃO NO REGIME DEMOCRÁTICO.....	13
2.2 PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO E OPOSIÇÃO NO BRASIL.....	17
2.3 ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DE DISCURSO.....	20
2.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE E METODOLOGIA.....	21
3 PSDB: DA FUNDAÇÃO AO PALÁCIO DO PLANALTO.....	25
3.1 UMA DISSIDÊNCIA DO PMDB.....	25
3.2 OITO ANOS NO PODER COM FHC.....	29
3.3 A POLARIZAÇÃO ENTRE PSDB E PT NAS DISPUTAS PRESIDENCIAIS.....	33
4 TUCANOS NA OPOSIÇÃO (2003-2010).....	37
4.1 PSDB: DA DERROTA NAS URNAS AO DIA DA POSSE.....	37
4.2 PSDB E A CORRUPÇÃO NO GOVERNO.....	40
4.3 PSDB E AS POLÍTICAS ECONÔMICA E SOCIAL DO GOVERNO.....	57
5 AS ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO DISCURSIVA DO PSDB.....	72
5.1 AS ESTRATÉGIAS DA DIFERENÇA E EQUIVALÊNCIA.....	73
5.2 A ESTRATÉGIA DO ANTAGONISMO.....	77
6 CONCLUSÕES.....	82
REFERÊNCIAS.....	88

1. INTRODUÇÃO

O antagonismo entre PSDB e PT pode ser compreendido a partir da polarização² nas disputas pela presidência da República. Os êxitos de Fernando Henrique Cardoso nos pleitos de 1994 e 1998 garantiram aos tucanos a possibilidade de governar o Brasil. Em 2002, a vitória de Lula provocou uma mudança no cenário político. O PT havia conquistado, pela primeira vez, a possibilidade de governar o país. O PSDB, após oito anos no poder, encarnaria o papel de oposição.

Nesta perspectiva, o propósito do presente estudo é analisar o discurso de oposição do PSDB durante o governo Lula (2003-2010). De maneira mais específica, pretende-se, através dos posicionamentos dos integrantes do partido sobre corrupção, política econômica e programas sociais compreender quais foram as condições de emergência que marcaram a estruturação de um discurso de oposição à gestão petista. Pretende-se verificar também quais as estratégias de articulação discursiva utilizadas nas manifestações dos líderes do PSDB.

O interesse pelos temas corrupção, política econômica e programas sociais não foi aleatória. Os três assuntos ocupam papel de relevo no enfrentamento entre PSDB e PT desde o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Maria Lúcia Rodrigues de Freitas Moritz (2006) destaca que (entre 1995 e 2002) os petistas acusaram FHC de estimular a corrupção, promover uma política econômica neoliberal e demonstrar pouco interesse por políticas sociais.

O discurso de ruptura do período em que o PT esteve na oposição gerava expectativas sobre como seria o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Na área social, a nova administração teve inúmeras dificuldades na implementação do programa Fome Zero, que acabou perdendo espaço. O êxito neste campo viria com o Bolsa Família, principal política de transferência de renda da gestão petista. Na economia, o governo surpreendeu (oposição e os próprios petistas) pelo pragmatismo.

Luiz Inácio Lula da Silva, principalmente durante o primeiro mandato como da República (2003-2006), precisou lidar com algumas denúncias de corrupção. Entre os principais, estão os escândalos do Waldomiro Diniz, Correios e mensalão³. Este

² No capítulo três, a ideia de polarização entre PSDB e PT será melhor trabalhada.

³ No quarto capítulo, são apresentadas algumas denúncias de corrupção durante o governo Lula.

último dominou a cena política brasileira no segundo semestre de 2005. Por esta razão, o entendimento do discurso de oposição do PSDB passa pela compreensão sobre como os tucanos se posicionaram diante dos três temas citados.

O corpus da pesquisa é composto pelos pronunciamentos proferidos em plenário pelos líderes do PSDB na Câmara dos Deputados. O estudo também utiliza declarações dos tucanos publicadas no jornal de circulação nacional *Folha de São Paulo*. Para melhor contextualizar o enfrentamento entre oposição e governo, este trabalho também buscou, na mesma publicação, colher manifestações de líderes do PT e integrantes do governo.

Este trabalho está dividido em quatro partes. No segundo capítulo, são apresentadas algumas reflexões sobre o papel da oposição no regime democrático e questões conceituais e teóricas relativas à Análise de Discurso, dando subsídios metodológicos e teóricos fundamentais para a condução da pesquisa. Por fim, são apresentadas as categorias de análise e metodologia desta pesquisa.

O terceiro capítulo joga luz sobre a fundação, trajetória, opções políticas e chegada do PSDB ao Palácio do Planalto. A atenção também recai sobre a atuação tucana até a derrota na disputa presidencial de 2002. Por fim, é observado o processo de polarização entre tucanos e petistas nas disputas presidenciais.

O quarto capítulo começa com uma breve descrição de como, após a confirmação de que Lula havia sido eleito presidente da República, os integrantes do PSDB passaram a se organizar para atuarem na oposição. Em seguida, são observadas que condições de emergência marcam os discursos do PSDB sobre corrupção, política econômica e programas sociais no governo Lula (2003-2010). O objetivo é, através das manifestações sobre os três temas, perceber que discurso de oposição foi forjado pelos tucanos.

No quinto capítulo, são observadas que estratégias de articulação discursiva estão presentes nos pronunciamentos dos líderes do PSDB na Câmara dos Deputados. Em relação à estrutura desta dissertação, é oportuno fazer um esclarecimento. Optou-se, com o propósito de oferecer fluidez e clareza à leitura do texto, por traduzir as citações das obras de língua estrangeira.

6. CONCLUSÕES

Após algumas indefinições, o PSDB optou por lançar José Serra candidato a presidente da República em 2010. O desafio não era pequeno. O tucano enfrentaria um adversário vinculado a um governo de enorme popularidade. Em clima de campanha, Serra elogiou a gestão petista. “O Lula fez dois mandatos, e está terminando bem o governo. O que nós queremos para o Brasil? Que continue bem e até melhore.” (SERRA..., 2010, p. A4). Durante o horário eleitoral, surpreendentemente, o político tucano procurou associar a imagem dele a do presidente Lula.

Dilma Rousseff havia chegado ao núcleo do governo no auge das denúncias do mensalão. Discretamente assumiu a chefia da Casa Civil. Manteve a máquina pública em atividade nos momentos mais difíceis do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Com a proximidade do pleito de 2010, Lula decidiu que Dilma seria a representante do PT na disputa pela presidência. Apesar da candidatura de Marina Silva⁴ ter surpreendido no primeiro turno, a disputa mais uma vez ficou polarizada entre PT e PSDB.

Após meses atrás ou empatada com José Serra nas pesquisas de intenção de voto, Dilma Rousseff, em levantamento do Datafolha, divulgada em 14 de agosto de 2010, apareceu em primeiro lugar, com 41%. Serra estava em segundo com 33% (RODRIGUES, 2010b, p. A4). A tendência se manteve até a vitória da candidata.

A representante do PT foi eleita presidente da República com 56,05% dos votos válidos⁵. José Serra chegou a 43,95% dos votos⁶. Os tucanos se mantinham como uma força política nacionalmente representativa. No entanto, amargavam a terceira derrota seguida em disputas presidenciais. A representação do partido na Câmara dos Deputados foi reduzida. Em 2002, o partido conseguiu eleger 70

⁴ A candidata do Partido Verde obteve 19.636.359, quase 20% dos votos válidos. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

⁵ No segundo turno, Dilma Rousseff fez 55.752.529 votos. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

⁶ No segundo turno, José Serra fez 43.711.388 votos. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

deputados. Na eleição seguinte, em 2006, a representação tucana caiu para 66 parlamentares. Nova queda em 2010. O PSDB elegeu 54 deputados federais⁷.

Refletindo sobre os resultados da disputa presidencial, Sérgio Abranches (2011a) avalia que a oposição saiu da eleição de 2010 “diminuída, atordoada e sem projeto definido”. Para o pesquisador, a terceira derrota seguida na disputa pelo comando do país foi consequência do fraco desempenho dos tucanos na oposição ao governo Lula.

O PSDB deixou o governo e jamais soube exercer o papel de oposição. Principalmente, o papel essencial de preparar proposta alternativa, voltada para o futuro, que vá além do que foram os governos anteriores e que desse novos e mais largos passos para levar a cabo o processo de modernização inacabada do país. (ABRANCHES, 2011b).

Durante o período em que Lula esteve na presidência (2003-2010), os tucanos não apresentaram propostas alternativas ou deixaram claro o que fariam em um eventual retorno ao comando do país. Para Abranches, o PSDB fracassou no papel de oposição.

O partido passou a última década sem ideias consistentes, sem programa claro, sem se caracterizar como alternativa de poder. Tampouco exerceu oposição, principalmente no segundo mandato do presidente Lula, que o manteve partido no córner, imobilizado, com sua acachapante popularidade. (ABRANCHES, 2010).

O que foi apresentado até agora possibilita afirmar que a atuação do PSDB durante o governo Lula está próximo do que Otto Kirchheimer (1957) classificou como “eliminação de oposição”. De acordo com o autor alemão, neste cenário, o grupo minoritário participa da disputa pelo poder, mas já não apresenta (ou representa) um projeto alternativo.

Os tucanos tiveram dificuldades de enfrentar o governo principalmente depois que a popularidade da administração de Lula voltou a subir. O partido tão pouco procurou apresentar propostas alternativas (ou novas linhas de ação política) nos primeiros oito anos em que esteve na oposição. O único esboço de ideia partiu de

⁷ O PSDB teve melhor sorte nas disputas estaduais, conseguindo eleger oito governadores. São eles: Geraldo Alckmin (São Paulo), Antônio Anastasia (Minas Gerais), Beto Richa (Paraná), José de Anchieta Júnior (Roraima), Teotônio Vilela Filho (Alagoas) e Siqueira Campos (Tocantins), Marconi Perillo (Goiás) e Simão Jatene (Pará). Disponível em: < <http://www.psd.org.br/psdb/historia/>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

Aécio Neves. O político mineiro propôs que o PSDB trocasse o debate ético pelo cotejo entre modelos administrativos. Proposta que parece não ter sido institucionalmente assimilada pelo partido.

A dificuldade de representação da oposição (não só o PSDB) pode ser demonstrada em números. Durante o primeiro mandato do presidente Lula (2003-2006), 37% dos deputados federais estavam na oposição. Durante a segunda gestão do petista (2007-2010), o número caiu para 30,5% (GAMA, 2012). Em 2010, os quatro partidos de oposição ao governo (PSDB, DEM, PPS e PSOL) elegeram 111 deputados federais (21,63%). Em 2011, com a fundação do Partido Social Democrático (PSD)⁸, o número de opositores caiu para 97.

Os deputados federais Fernando Francischini e João Caldas trocaram o PSDB pelo recém-criado Partido Ecológico Nacional (PEN) em julho de 2012. Com isto, os quatro partidos que se opõem ao governo da presidente da Dilma Rousseff somam 89 deputados, ou 17,3% das cadeiras na Câmara, a menor representação oposicionista desde 1988. O fato não tem precedente nem na ditadura militar. Durante o período de exceção, o MDB nunca teve menos de 28% dos representantes na Câmara dos Deputados (A..., 2012).

Em 2012, dos cerca de 15 mil candidatos que disputam uma prefeitura em todo o país, 2.807 estão vinculados ao PSDB, DEM ou PPS. O que equivale a 18% do total de candidaturas. Em 2004, primeira eleição municipal com Lula na presidência, os três partidos tinham 30% dos postulantes. Entre as 85 principais cidades do país (capitais e municípios com mais de 200 mil eleitores), 22 não têm candidato de PSDB, DEM ou PPS. Em todo o país, 55% das cidades não têm nem sequer um candidato de uma dessas três siglas. Em 2008, era 40% (GAMA, 2012).

Fernando Henrique Cardoso, em recente entrevista à revista *Veja*, avaliou que “o debate político-partidário perdeu sua centralidade”. Para o ex-presidente, “isso decorre da desconexão entre o mundo institucional da política e da sociedade. Passou a existir uma relação direta do Executivo com o povo, pulando o Congresso. É uma tendência brasileira antiga, mas se acentuou” (PETRY, 2012, p. 18). Apesar de afirmar que “não há mais debate”, FHC discorda da afirmação de que não existe mais oposição no Brasil.

⁸ Os integrantes do PSD se aproximaram dos partidos integrantes da base do governo.

Toda hora dizem que não temos oposição no Brasil. Está errado. A oposição está dentro do Congresso, só que o Congresso não tem repercussão na rua. Os partidos saíram da sociedade e se aninharam no Congresso ou no governo. O partido com mais vínculo com o movimento social era o PT. Com o PT no governo, o movimento social virou cadeia de transmissão da vontade oficial. Perdeu vitalidade. O debate se deslocou para a mídia. É por isso que o governo acusa a mídia de ser oposição. Porque é a única instituição que fala e o povo ouve. (PETRY, 2012, p. 18).

Como foi demonstrado neste trabalho, o Congresso Nacional esteve mal avaliado durante boa parte do governo Lula. Foi em uma das casas do poder legislativo que supostamente ocorreu o mensalão. A partir do exame das manifestações dos tucanos sobre corrupção, política econômica e programas sociais no governo Lula, esta dissertação procurou analisar o discurso do PSDB para compreender quais foram as condições de emergência que marcaram a estruturação de um discurso de oposição à gestão petista. Além disso, buscou-se verificar as estratégias de articulação discursiva utilizadas pelo partido.

É oportuno, neste momento, recuperar alguns aspectos trabalhados nesta dissertação. Primeiramente, dentre os trabalhos da Ciência Política, foi feita a investigação do papel da oposição no regime democrático. Em seguida, pareceu necessário organizar um aparato analítico oriundo da Análise de Discurso. Destas reflexões, foram extraídos subsídios para a posterior análise do discurso dos tucanos.

Em 1994, o PSDB ganhou dos eleitores a possibilidades de administrar o Brasil. Assim o fez por dois mandatos. Apesar de contar com maioria no Congresso durante os oito anos em que esteve no comando do Brasil, Fernando Henrique Cardoso conviveu com uma oposição combativa. Durante o primeiro mandato de FHC (1995-1998), os discursos dos deputados federais de oposição, especialmente do PT, seguiram uma linha “denuncista e fiscalizadora dos atos do poder Executivo” (MORITZ, 2006, p.94).

A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, promoveu uma reorganização das principais forças políticas nacionais. Após três tentativas fracassadas, o PT chegou à presidência. O PSDB, por sua vez, tinha o desafio de fazer oposição ao novo governo. Neste cenário de mudança, despontam as primeiras condições de emergência que inicialmente forjaram o discurso tucano. A partir da confirmação de que José Serra foi derrotado na disputa pela presidência, os integrantes do PSDB passaram a declarar que teriam uma conduta moderada na oposição. O partido prometia não copiar o *modus operandi* do PT.

Após as denúncias de corrupção envolvendo integrantes do governo (caso Waldomiro Diniz e mensalão) terem vindo à tona, os líderes do PSDB manifestaram perplexidade com os fatos divulgados. Ainda assim, ressaltaram que não tomariam nenhuma atitude que pudesse desestabilizar o governo. Em um diagnóstico que posteriormente se mostraria equivocado, os tucanos avaliavam que a escalada das acusações inviabilizaria a tentativa de Lula disputar a reeleição em 2006.

Após a repercussão da entrevista concedida por Roberto Jefferson, o PT passou a se defender. Além disso, tratou de colocar no PSDB o rótulo de golpista. Os petistas repetiam que a oposição queria tirar Lula da presidência. A nova condição de emergência teve impacto entre os tucanos. Os integrantes do PSDB passaram a gastar tempo e energia para afirmar que não queriam promover nenhum tipo de insurreição.

A partir de fevereiro de 2006, a popularidade do governo voltou a subir. A recuperação da imagem da gestão petista representou uma nova condição de emergência na estruturação do discurso do PSDB. A cautela cedeu lugar ao ataque. Os tucanos passaram a apontar o presidente da República como o grande responsável pelo mensalão. Já era tarde. Luiz Inácio Lula da Silva, que terminou 2005 mal nas pesquisas de opinião, foi reeleito presidente em outubro do ano seguinte.

Quando na oposição, o PT sempre enfatizou que, uma vez no comando do país, promoveria mudanças nos principais eixos da política macroeconômica. No entanto, durante a campanha de 2002, o partido já dava sinais de que havia mudado.

Quando a campanha de Lula decidiu fazer as concessões exigidas pelo capital, cujo pavor de um suposto prejuízo a seus interesses com a previsível vitória da esquerda levava à instabilidade nos mercados financeiros, deu-se o sinal de que o velho radicalismo petista havia sido arquivado. Foi, a princípio, uma decisão de campanha, mas cerca de um mês depois o Diretório Nacional, reunido no centro de convenções do Anhembi, em São Paulo, aprovou as propostas antecipadas pela carta, transformando-as em orientações partidárias. (SINGER, 2010, p. 105).

Como já foi destacado, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, criou um quadro de expectativa e apreensão sobre as políticas econômicas e sociais da nova administração. Estes fatos marcaram a formatação do discurso do PSDB. Durante grande parte do primeiro mandato do petista, os tucanos se concentraram em classificar o governo como mau gestor na área social e responsável por decisões

equivocadas na economia. Críticas que algumas vezes Lula recebeu também de entidades da sociedade civil e integrantes do próprio PT.

Assim como aconteceu nas manifestações sobre corrupção, o posicionamento dos líderes do PSDB sobre os programas sociais e a política econômica do governo mudou a partir do momento em que a popularidade do governo Lula voltou a subir, em fevereiro de 2006. Os tucanos passaram a afirmar que, se as coisas estavam indo bem, era porque as boas iniciativas foram criadas na gestão de Fernando Henrique Cardoso.

Este trabalho também procurou identificar as estratégias de articulação discursiva utilizadas pelos líderes do PSDB na oposição. Foi constatado que há um equilíbrio entre o uso do antagonismo ou diferença/equivalência no discurso dos tucanos.

Nos pronunciamentos onde antagonismo é a principal estratégia de articulação discursiva, ficou comprovado o esforço dos tucanos para desconstruírem os discursos do PT e do governo. Além disso, principalmente durante o primeiro mandato de Lula, há uma contestação frequente das iniciativas implementadas pela administração petista.

Existe um grande esforço dos integrantes do PSDB, nas manifestações onde diferença/equivalência são as principais estratégias de articulação discursiva, em sinalizarem que teriam postura distinta da do PT na oposição. As teses defendidas pelos petistas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso também foram fartamente utilizadas pelos integrantes do PSDB para apontar o que consideravam retrocessos e incoerências no governo Lula.

Foi possível constatar, através da análise do discurso, a atuação inconstante dos tucanos durante o governo Lula. Em 2010, o PSDB foi derrotado pela terceira vez seguida em uma eleição presidencial. O partido ainda mantém, na disputa pelo comando do país, a polarização com o PT. No entanto, após oito anos, a bancada tucana na Câmara dos Deputados perdeu quase 20 integrantes. Além das dificuldades para combater o governo, o PSDB terminou 2010 sem um projeto alternativo para o Brasil, sem novas bandeiras para defender e com o desafio de se reinventar.